

E no tênis, você se garante?

Ricardo de Oliveira

Evelyn Rosa Pereira

A Escola Estadual Professor Newton Espírito Santos Ayres, situada no município de Osasco, região metropolitana de São Paulo, não passa por uma reforma estrutural há bastante tempo, salvo pequenos consertos de emergência, as condições físicas do prédio e de suas dependências deixam a desejar. Além disso, na medida em que o(a)s estudantes alcançam o Ensino Médio, muito(a)s deixam a escola para inserir-se no mercado de trabalho, a fim de ajudar na subsistência familiar. Em tal cenário, o professor Ricardo de Oliveira tematizou o tênis com as turmas do Ensino Médio no primeiro semestre de 2023.

Figura 1 - Quadra coberta e aberta



Fonte: Ricardo de Oliveira

Muito embora o docente considere a gestão solidária, generosa e leve, para garantir as condições mínimas necessárias ao trabalho pedagógico, se vê obrigado a adquirir materiais com recursos próprios ou trazê-los da outra escola em que trabalha.

O primeiro impasse e dificuldade encontrada para além das questões citadas, calca-se na visão estereotipada da Educação Física que os alunos e alunas manifestam, seja como uma aula livre, no qual é dada uma bola para os meninos e uma para as meninas, com a qual o primeiro grupo joga futebol e o segundo vôlei, com raros momentos de alternância para a prática de esportes como basquete e handebol.

Tal representação era a causa do alvoroço do(a)s jovens no início do ano letivo diante de outra proposta, pois insistiam na permanência do conhecido, relutando perante qualquer ideia de mudança. Interessante notar que no horário das aulas de Educação Física, instantaneamente se agitavam e dificultavam alguns processos simples como a realização da chamada, e em consonância a isso, a insistência de pedidos para jogar aquelas modalidades.

Apesar dos impasses iniciais, o docente conversou com alunos e alunas sobre esportes, lutas, ginásticas e brincadeiras, sendo que ao pontuar o tópico esporte, o(a)s jovens voltaram a falar em aula “livre”, o que instigou o docente a ter como foco um esporte neste primeiro momento, observando as colocações da turma. E para definição do ténis de campo, levou em consideração os materiais disponíveis como bolas e raquetes; o interesse da turma em esportes e a dificuldade dos alunos e alunas em distinguir ténis de campo e badminton.

Figura 2 - Experiências e conhecimentos dos alunos e alunas

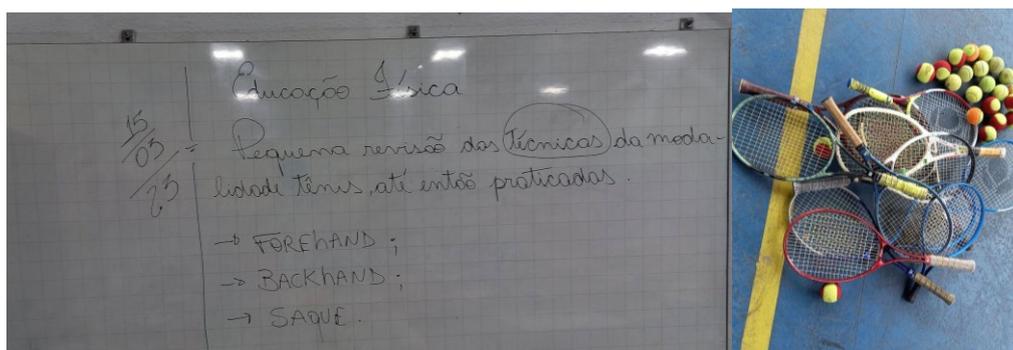
GINASTICAS	ESPORTES	BRINCADEIRAS	LUTAS	DANÇAS
artística	futebol	tradicionalis	Karatê	SAMBA
academia	volei	Contemporâneas	Muay-Tay	SAMBA-ROCK
rítmica	Tênis	Tabuleiro	Capoeira	STREET DANCE
geral	Handebol	ETC	Boxe	FUNK
Mimicção	badminton		M.M.A	TANGO
ETC	pat. Olímpicas		HAKIBO	BOLERO
	E-SPORTS		ETC	JAZZ
				ETC

Fonte: Ricardo de Oliveira

Para planejamento das aulas, após a definição da modalidade esportiva, buscou identificar os saberes dos alunos e alunas sobre seu funcionamento, mas também dos equipamentos que compõem a dinâmica dessa prática corporal. Tendo em vista as informações trazidas pela turma, o docente incentivou a busca de novas informações para que fossem apresentadas na próxima aula.

Na semana seguinte, organizou na quadra os materiais que a escola possuía a fim de que os estudantes pudessem manuseá-los. Percebida a falta de familiaridade com a prática corporal, o professor sugeriu uma pesquisa dos golpes frequentemente efetuados no ténis de campo, como saque, *forehand* e *backhand*.

Figura 3 - Golpes no tênis de campo pesquisados pelos alunos/alunas e material para familiarização



Fonte: Ricardo de Oliveira

O docente percebeu que seria necessário promover mais aulas que priorizassem a execução da gestualidade do tênis de campo, tendo em vista a falta de familiaridade com os equipamentos e golpes frequentemente utilizados. No total foram três semanas. Apesar do tênis de campo tratar-se de uma modalidade individual, o que em tese dificultaria a participação, uma grande parcela da turma aderiu às atividades propostas, fossem elas dedicadas à execução ou aos debates que emergiram em sala de aula.

Figura 4 - Gestualidade do tênis de campo



Fonte: Ricardo de Oliveira

Certo dia, enquanto a turma assistia a um vídeo de uma partida disputada por Roger Federer e Rafael Nadal, a diretora precisou interromper para dar um aviso. O vídeo foi pausado num momento com imagens da torcida. Os alunos e alunas deram-se conta da ausência de pessoas negras, nem mesmo os seguranças. Também observaram as vestimentas, passando a fazer comentários e comparações das classes sociais de torcedores, torcedoras e estudantes.

Figura 5 - Torcida em uma partida de tênis do Roger Federer e Rafael Nadal

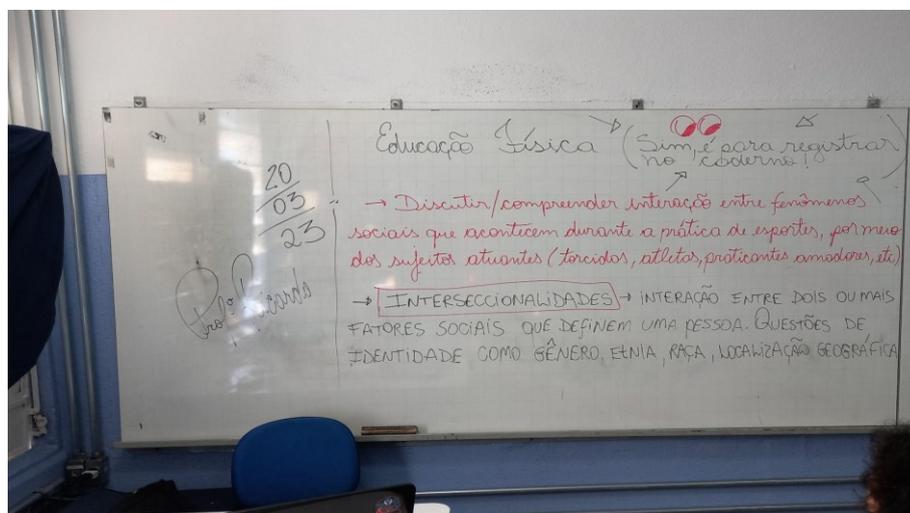


Fonte: Ricardo de Oliveira

Infelizmente, após aquela semana em que se deu um debate instigante, o medo gerado por uma sucessão de boatos de que as escolas seriam atacadas, levou ao cancelamento das aulas, inviabilizando a continuidade dos trabalhos e distanciando os alunos e alunas da temática inicialmente abordada.

Na retomada das atividades o professor buscou recuperar a cena da torcida e suscitou discussões acerca das questões de gênero e raça envolvidas no tênis de campo. Após a solicitação de exemplos reais, os alunos e alunas lembraram do caso da jogadora de vôlei Tiffany do time da cidade, fazendo menção ao que ela passou por ser uma mulher transexual e fazer parte da seleção brasileira.

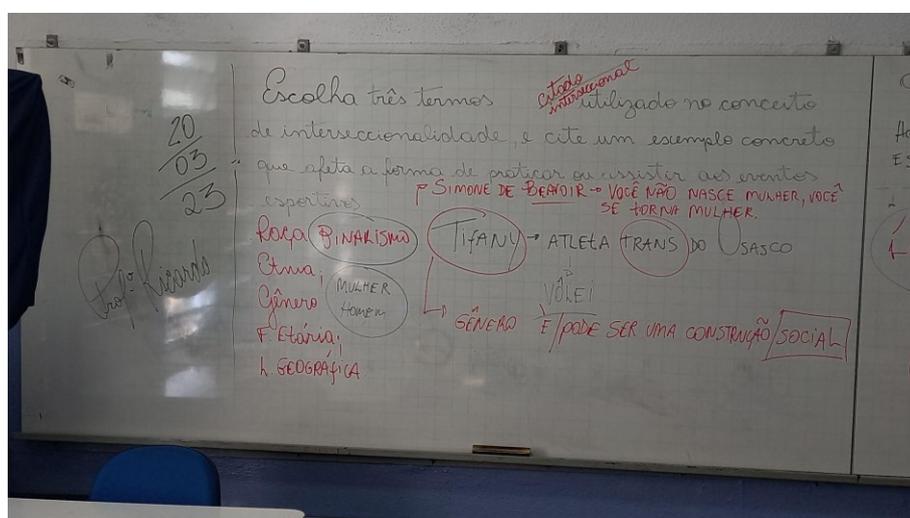
Figura 6 – Interseccionalidade



Fonte: Ricardo de Oliveira

Com o desenrolar da conversa, o docente notou que parte da turma defendia a Tiffany de diversas maneiras, enquanto os demais se opunham, também expondo suas razões. Os principais pontos levantados abarcavam aspectos religiosos, valores e princípios particulares e que moldavam os pontos de vistas e argumentos apresentados.

Figura 7 - Debate sobre a jogadora de vôlei Tiffany

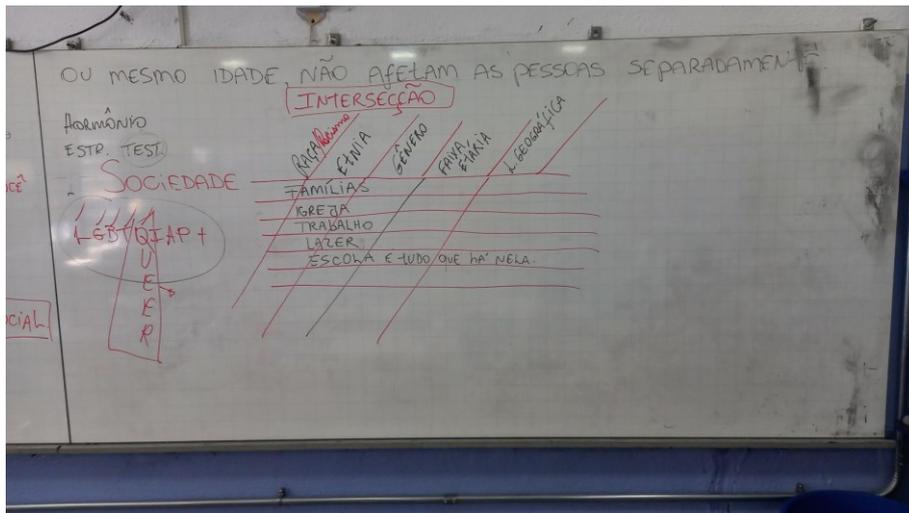


Fonte: Ricardo de Oliveira

Em meio ao debate emergiram colocações que chamaram a atenção da maioria. Algumas alunas e alunos evangélicos condenaram a situação da jogadora, dizendo que homem nasce homem e mulher nasce mulher, de modo a afirmar o gênero que supostamente cada pessoa deveria assumir, não concordando com a mudança. Em outra ocasião, um estudante citou o exemplo de um pastor que estava numa praça pregando contra a homossexualidade e duas mulheres homossexuais foram até a frente do pastor e se beijaram. O aluno repudiou a ação, dizendo-a provocativa porque também não concordava com a homossexualidade. Uma colega contra argumentou: “e se fosse um casal hétero?”

Na aula seguinte, o professor Ricardo apoiou-se na obra de Patrícia Hill Collins para relacionar os casos relatados às vidas de todas e todos, enfatizando que os marcadores de raça, gênero, religião, entre outros, não se dissociam.

Figura 8 - Conceito de interseccionalidade em prática



Fonte: Ricardo de Oliveira

É importante ressaltar que entre a apresentação do livro anteriormente citado e o próximo debate em sala de aula, uma das alunas se sentiu confortável para conversar com o docente a fim de esclarecer que seu gênero e religião influenciaram a forma como seus pais a incentivaram suas escolhas de vida, fazendo com que ela não se aproximasse das práticas corporais por ser mulher, uma vez que, principalmente os esportes, se direcionam aos homens. Empregou o mesmo argumento como tentativa de esclarecer o porquê dos meninos talvez se saírem melhor que as meninas nesse aspecto.

Dentro da sala de aula, de modo a retomar o ponto inicial de discussão, mas buscando agora uma outra vertente da interseccionalidade, o docente estabeleceu como tema principal o racismo nos esportes, tendo em vista seu compromisso com a educação antirracista nas aulas de Educação Física. Iniciou com a solicitação aos alunos e alunas que fornecessem exemplos reais de racismo que ocorreram nos esportes. O primeiro foi o caso do Vinícius Júnior, jogador de futebol do Real Madrid que fora alvo de racismo das torcidas dos times adversários. Um segundo exemplo que foge à questão, mas que a turma ainda sim insistiu em citar, foi com relação à idade dos atletas, que mesmo ainda jovens para a sociedade, dentro das diversas práticas esportivas são considerados velhos e forçados a se aposentarem devido à pressão pela manutenção da performance em patamares elevados.

Enquanto os debates fervilhavam, alternadamente, a turma jogava tênis de campo na quadra distribuída em dois grupos: os jogadores e os espectadores.

Figura 9 - Vivência do tênis de campo



Fonte: Ricardo de Oliveira

Embora em uma primeira vista pareça que o professor tenha perdido o controle da atividade, essa divisão de funções envolvia diferentemente as alunas e alunos. Mesmo quem não gostava de jogar, havia desenvolvido laços com o docente e, portanto, o respeitava e compartilhava dúvidas e interesses. Outra observação importante é que dentre os alunos e alunas que jogavam, um possui Transtorno do Espectro Autista (TEA), o que levou o grupo de praticantes a criar as condições necessárias para a sua participação.

Durante os jogos o professor diversas vezes interviu para auxiliar os alunos e alunas, pois apesar das pesquisas na internet, persistia a dificuldade no manuseio da raquete e na compreensão do funcionamento. Para além disso, foi convidado um entusiasta do tênis de campo, amigo do professor Ricardo, o Maurício, que explicou algumas regras e partilhou de outros conhecimentos acerca da prática corporal.

Figura 10 - Orientações sobre a prática corporal



Fonte: Ricardo de Oliveira

Cabe ressaltar que ao longo dos jogos, vários estudantes se afastavam, distraíndo-se com celulares, fones de ouvido ou mesmo pela vergonha de exposição corporal, sendo esta justificativa apresentada principalmente pelas meninas que evitavam expor-se na realização da gestualidade característica do esporte. Apesar disso, com base no diálogo, o docente desenvolveu reflexões bem oportunas juntamente esses alunos e alunas, debatendo as questões que constroem e mantêm os gestos e as interpretações sobre a prática.

Caminhando para o ponto central que liga questões raciais e tenistas, a turma assistiu a vídeos previamente selecionados pelo professor que abordavam as regras e o modo de interpretar diferentes situações que ocorrem durante a execução. Os estudantes também assistiram a uma matéria a respeito de Serena Williams, uma tenista negra de grande destaque.

Além da reportagem, o professor recorreu a um texto para explicar a situação em que a atleta se encontrava. Ao engravidar, recebeu apoio de algumas marcas como a Nike que confeccionou um macacão ideal para sustentar sua barriga e manter sua prática diária, todavia, as organizações responsáveis pelo tênis de campo, apesar dos protestos, proibiram a sua participação em competições oficiais.

A princípio, poucas foram as reações dos alunos e alunas. Todavia, em um dos vídeos havia uma mulher branca competindo grávida, utilizando, inclusive, um macacão semelhante ao de Serena. A situação desencadeou um debate interessante na turma que ficou muito incomodada com a contradição, porque uma pessoa negra não tinha o direito de usar e a outra apenas pela cor podia usar e competir. Estudantes chegaram a comentar sobre os privilégios que os brancos possuem na sociedade e no âmbito esportivo.

Uma das meninas citou a desigualdade no tratamento das mulheres no decorrer da História, tomando como exemplo as vestimentas requeridas nas práticas corporais. O docente aproveitou para fazer comparações dos uniformes feminino e masculino nos mais variados esportes, o que levou alunos e alunas a falarem sobre o corpo coisificado da mulher, não bastando ir a um jogo ver o jogo, há também, que apreciar, ou seja, consumir o corpo da mulher. O professor Ricardo lançou a seguinte questão e sugeriu que as respostas fossem redigidas e entregues: de acordo com as nossas aulas, os estilos de roupas podem vir a ser formas políticas de se expressar e/ou se posicionar frente à sociedade?

Figura 11 - Texto discente sobre vestimentas como forma política de se posicionar

05.06.23
Nome Daniela Corrêa dos Santos nº 08 sala 1º C

De acordo com nossas aulas técnicas, estilos de roupas não também formam políticas de se posicionar, posicionam frente a sociedade, justifi- que esta afirmação.

Na minha visão, estilos de roupas é sim uma forma de se expressar politicamente, muitos famosos fazem protestos em eventos importantes, como o mit gala, tenho o exemplo Lizzo que usou uma camiseta de Karl Lagerfeld comia batata frita por ele ter uma fama muito preconceituosa dizendo que quem achava modelos feias eram mães gordas que ficavam vendo tv e comendo batata frita, ele tem muitas falas gordofóbicas homofóbicas transfóbicas e outros preconceitos. Como eu disse o mit gala é um evento muito importante e que tem bastante impacto, muitas celebridades fazem protestos com suas vestes.

A nossa forma de se vestir diz muito sobre nós, representa algo que a gente gosta de usar e que é imposto, as mulheres fazem isso até hoje.

Fonte: Ricardo de Oliveira

Essa conclusão foi repercutida pelo docente, pois até então muitos alunos e alunas não se haviam dado conta que as questões raciais e outras como gênero, religião, orientação sexual e afins atravessam também as práticas corporais, não sendo exclusividade da escola, do trabalho ou qualquer outro ambiente relacional.

O clima favoreceu a retomada das reações do Vinícius Júnior quando alvo de ofensas racistas. A turma assistiu ao vídeo em que outro jogador, Daniel Alves, durante a cobrança de um escanteio teve uma banana jogada ao seu lado e, como resposta, o jogador simplesmente a comeu. Os estudantes foram questionados acerca das atitudes de ambos, se tiveram o mesmo efeito e se foram positivas ou negativas. Os alunos e alunas disseram que a atitude do Daniel

Alves não contribuiu para combater o racismo, sendo permissivo, já o Vinícius Júnior teve como atitude enfrentar de forma honesta a situação.

Por fim, importa dizer que a instauração do debate fez com que a turma entendesse que as práticas corporais não devem simplesmente ser executadas, é fundamental compreender o contexto de ocorrência e tudo o que acontece.